FAMÍLIA E REDE SOCIAL*[i]

Família, um sonho ter uma família
Família, um sonho de todo dia

Família é quem você escolhe pra viver
Família é quem você escolhe pra você
Não precisa ter conta sanguínea
É preciso ter sempre um pouco mais de sintonia

(trecho de 'Não perca as crianças de vista' - O Rappa)

Uma família se constitui a partir da decisão de algumas pessoas conviverem, assumindo o compromisso de uma ligação duradoura que inclui o cuidado entre os adultos e deles para com as crianças. A família é o lugar dos cuidados e da proteção das pessoas que dela fazem parte. Para as crianças, a família também é o lugar da primeira socialização, do aprendizado dos limites, das regras sociais, éticas e morais.

A família também é a garantia da construção de uma história, de um passado e de um projeto de futuro; lugar em que os acontecimentos vão sendo vividos, lembrados, falados, absorvidos. Esses acontecimentos, individuais e grupais, marcam a história e o jeito de ser da família, podendo fortalecê-la, enfraquecê-la, determinando novas organizações e desorganizações.

Atualmente observa-se um interesse renovado sobre a instituição família, principalmente por causa das grandes transformações que ela vem sofrendo. Seus múltiplos arranjos e possibilidades de *vir a ser* afastam-na cada vez mais do 'antigo' padrão dominante e socialmente aceito. As mudanças nesse padrão tradicional relacionam-se, dentre outros aspectos, ao aumento da proporção de domicílios de pessoas vivendo sós, à redução do tamanho da família, à fragilização dos laços matrimoniais, ao aumento de famílias chefiadas por mulheres e de tantos outros arranjos que diferem da típica família nuclear composta de pai, mãe e filhos. Esses novos arranjos familiares indicam uma superação do modelo nuclear conjugal no sentido de uma configuração de relações em rede.

A família - 'nó' determinante das redes sociais primárias em nossa cultura - é um recurso valioso para a pessoa, tanto em sua prática cotidiana quanto no âmbito afetivo e dos processos educativos, pois é precisamente no seio da família que ela aprende a vida de relações. Esta dimensão relacional vivenciada pela primeira vez na família orientará ou determinará seus relacionamentos posteriores. (Sanicola, 2008).

CONCEITO DE PATRIMÔNIO

É um conjunto de recursos dos quais as pessoas podem dispor para garantirem, a si mesmas e a seus familiares, maior segurança e melhor padrão de vida. Tais recursos compõem-se de trabalho, saúde, educação, moradia, habilidades pessoais e relacionais - relacionamentos familiares, de vizinhança, de amizade, comunitários e institucionais[1].

[1] O PIDMU / Programa Infância Desfavorecida em Meio Urbano, com o objetivo de contribuir para a melhoria das condições de vida de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, foi implementado por ONG´s nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belo Horizonte durante três anos, tendo sido concluído em abril de 2000.

Estruturar uma intervenção social a partir do *patrimônio* da pessoa, da família e da comunidade significa considerar as potencialidades e os nexos que, na vida dessas pessoas e dessas comunidades, estabelecem-se como realidades historicamente construídas.

A necessidade da família, apesar de se evidenciar a partir de uma dificuldade específica, por exemplo, falta de habitação ou falta de alimento, não é setorial, como usualmente é entendida ou tratada pelas políticas públicas, mas sim global, isto é, refere-se à totalidade da vida da família, sendo de fundamental importância o significado que a própria família lhe atribui.

Pensar o trabalho social a partir do *patrimônio* exige abertura e visão de uma realidade mais ampla que transcende a dificuldade em si, que não se restringe à aplicação de soluções previamente concebidas. Tal compreensão permite um incremento gradativo do *patrimônio* da pessoa em situação de pobreza. Em outras palavras, a ação nasce do que existe e não do que falta. Este modo de ver representa um princípio orientador que estimula a participação da família no processo de superação de suas dificuldades, quaisquer que elas sejam. Dessa forma, sendo realista e observando a pessoa, a família e a comunidade com vistas a identificar o *patrimônio* nelas existente, o profissional poderá inicialmente ajudá-las a reconhecerem sua existência para depois estimular seu uso e fortalecimento.

Portanto, uma intervenção social não tem como perspectiva a redução da necessidade como falta e sim o (re) despertar da esperança e da ação, mostrando que essa família, mesmo submetida a circunstâncias de privação, é capaz de enfrentá-las e de superá-las. Políticas públicas que levam em conta o *patrimônio* das comunidades otimizam recursos, permitem a participação ativa da população e têm apresentado melhores resultados no combate à pobreza.

CONCEITO DE REDE SOCIAL

É um conjunto de relações interpessoais a partir das quais a pessoa e /ou a família mantêm sua própria identidade social. Esta identidade compreende hábitos, costumes, crenças e valores característicos de uma determinada rede. Da *rede social* a pessoa e /ou família recebe sustento emocional, ajuda material, serviços e informações, tornando-se possível o desenvolvimento de relações sociais. A diversidade das redes depende de como elas foram originadas e dos bens que nelas circulam (reciprocidade, dinheiro, direito).

As <u>redes sociais primárias</u> são compostas por relacionamentos entre pessoas, sejam elas parentes, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, dentre outros. Nela há *vínculo de reciprocidade*.

As <u>redes secundárias formais</u> são constituídas por instituições sociais de existência oficial e estruturação precisa que desenvolvem funções específicas e fornecem determinados serviços. Estas redes caracterizam-se pela troca fundada no *vínculo de direito*; elas prestam serviços e intervém de acordo com as demandas das pessoas. Atenção especial é dada ao direito de cidadania. Elas incluem os serviços prestados por instituições públicas, como programas de moradia, saúde, educação e assistência social.

As <u>redes secundárias informais</u> são redes que se constituem a partir das redes sociais primárias. Quando há uma necessidade ou dificuldade comum aos membros de uma rede, um grupo de pessoas organiza-se para prestar auxílio ou serviço. Neste tipo de rede, o vínculo é fundado na *solidariedade*: trocam-se serviços e não há circulação de dinheiro; o intercâmbio é pouco formalizado, com um mínimo de organização e um máximo de eficácia. Estas redes são efêmeras, duram enquanto durar o problema a ser enfrentado. Um exemplo deste tipo de rede é o de pessoas que se organizam para levar suas crianças à escola.

Quando uma rede secundária informal perdura muito no tempo, ela tende a se formalizar, transformando-se em associações que configuram as <u>redes secundárias do terceiro setor</u>: as relações entre as pessoas que se organizaram para inicialmente cuidar dos filhos portadores de deficiência vão se formalizando e, mais tarde, transformam-se em um serviço como o da Associação de Pais e

Amigos dos Excepcionais (APAE). As redes secundárias do terceiro setor são aquelas constituídas por organizações da sociedade civil que prestam serviços, mas não visam lucro. Caracterizam-se pelo intercâmbio de *vínculos de direito e de solidariedade*. São redes do terceiro setor: associações e organizações da sociedade civil; cooperativas sociais e fundações.

As redes secundárias de mercado, como o nome já sugere, referem-se a atividades econômicas rentáveis, estando sua existência estreitamente *ligada ao dinheiro e ao lucro*. São compostas de empresas, estabelecimentos comerciais, negócios e atividades prestadas por profissionais liberais, dentre outros.

As redes secundárias mistas são aquelas que mesclam meios de intercâmbio, ou seja, ao mesmo tempo em que prestam serviços garantindo *direitos de cidadania*, o fazem mediante pagamento, fazendo também circular *dinheiro*, como é o caso das clínicas de saúde privadas.

Toda pessoa possui uma rede de relacionamentos. A pessoa em situação de pobreza, muitas vezes, sente-se isolada e socialmente excluída; ela não consegue perceber os vínculos que possui e que poderiam lhe dar suporte, que poderiam ajudá-la a superar dificuldades. **De fato, ninguém está sozinho, nem as pessoas, nem as instituições.**

ABORDAGEM DE REDE SOCIAL

Parte da centralidade que as redes sociais primárias assumem devido à importância que este contexto relacional primário tem para as pessoas e famílias. É no contexto relacional primário que os relacionamentos entre as pessoas, suas famílias, vizinhos e amigos são trabalhados.

A *abordagem de rede* considera as pessoas em relacionamento recíproco dentro de uma rede. Ela interessa ao profissional na medida em que reúne a pessoa que expressou uma demanda, ou quem fez uma demanda por outrem, sua família, amigos, colegas de trabalho, enfim, pessoas que se dispõem a estar implicadas na solução de um determinado problema, que aceitam o desafio de assumir responsabilidades e de encontrar soluções (Sanicola 1995).

Assim, o ponto de partida desta abordagem é a existência de uma demanda individual, uma demanda coletiva ou o surgimento de um problema. A ação se desenvolve a partir de encontros. Atua-se com a pessoa que traz a demanda e com as pessoas que são significativas para a solução daquele problema, sendo condições essenciais para a realização deste tipo de trabalho o *consenso* e a *disponibilidade* delas (Soares 2001).

Na *abordagem de rede*, o profissional precisa estar sensível e atento aos gestos, palavras e silêncios, tanto seus quanto das pessoas que atende, pois eles são plenos de sentido e desvelam as relações sociais que ocorrem dentro das redes.

A finalidade do trabalho de rede social pode ser definida como:

- ✓ a consolidação das relações existentes, promovendo a mobilização das redes em relação ao coletivo maior, de tal modo que as pessoas possam reconhecer-se, identificar-se e confirmar sua participação;
- ✓ o fortalecimento da capacidade da rede de dar sustentação a seus membros, promovendo sua mobilização em direção à autonomia de modo que as pessoas possam ocupar-se de seus problemas.

O fundamental nesta intervenção é centrar nossa atenção nos recursos e nas possibilidades presentes na rede, o que vai, com certeza, redimensionar o problema trazido pela pessoa.

RECOMENDAÇÕES FINAIS AO PROFISSIONAL QUE ATUA NA ÁREA SOCIAL

O profissional que atua na área social logo se dá conta de que precisa trabalhar em si pelo menos três aspectos fundamentais: uma existência sem preconceitos, sua disponibilidade para os outros e sua capacidade de desfocar-se do problema.

a) uma existência sem preconceitos consiste em saber agir frente os acontecimentos da vida, isto é, os acontecimentos ocorridos no interior das redes, partindo dessa realidade e não da idéia que forma sobre ela. Esta postura exige uma "abertura existencial", isto é, exige saber reconhecer e valorizar o que ocorre em detrimento daquilo que se deseja, projeta e idealiza. Significa interessar-se pelo cotidiano, pelo modo de vida das pessoas, e não unicamente por suas fraquezas e dificuldades. Implica em acolher as pessoas, respeitando seu ritmo e o ritmo dos acontecimentos. Significa poder agüentar as contradições inerentes às redes: enquanto algumas pessoas ajudam, outras criam dificuldades; algumas redes dão apoio, outras descuidam, castigam, marginalizam, comprometem, traem.

b) a disponibilidade tem que estar presente no comportamento do profissional e nas condições objetivas de exercício do trabalho. Disponibilidade significa flexibilidade em relação aos modos, aos lugares, aos tempos e aos ritmos das pessoas, famílias e suas redes (Sanicola 1995).

c) o profissional social deve ser capaz de não se restringir ao problema, nem pretender que este necessariamente mude. Ele precisa desfocar-se do problema e centrar sua atenção nas possibilidades de vida das pessoas atendidas. É deste modo que nasce a percepção de que há dificuldades que podem ser equacionadas paulatinamente; e que uma boa intervenção é aquela que permite que a própria rede assuma a responsabilidade de encontrar os meios para seu enfrentamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sanicola l. Intervenção na rede social. São Paulo: Editora Myriam Veras; 2008 (a ser publicado).

_____ Il contributo dell'intervento di rete alla prevenzione. Milão: mimeo; 2000.

_____ Redes Sociales y menores en riesgo. Buenos Aires; Editorial Lumen-Humanitas; 1996.

_____ L'intervento di rete. Una innovazione nel lavoro sociale. In: Reti sociali e intervento professionale - a cura di Lia Sanicola. Napoli: Liguori Editore; 1995.

Soares MLPV. Rede Social no Centro de Recuperação e Educação Nutricional: uma proposta de abordagem metodológica com famílias. [dissertação] São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2001.

∗ Maria Angela Maricondi, Psicóloga, Consultora do Ministério da Saúde (Projeto AMQ - Avaliação para Melhoria da Qualidade da Estratégia Saúde da Família), Consultora do UNICEF (Programa Família Brasileira Fortalecida), Mestranda de Enfermagem em Saúde Coletiva da EEUSP.

---

[i] Baseado nos textos (a) "*A Família e seu Contexto*" de Gisela Maria Bernardes Solymos e Maria Luisa Pereira Ventura Soares e (b) "*Conversando sobre Família*" de Maria Angela Maricondi e Maria do Carmo Portero da Silva. In: São Paulo. Secretaria Municipal de Saúde. Programa Saúde da Família. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Projeto *Nossas Crianças: Janelas de Oportunidades*. [book e manual de apoio]. São Paulo (SP); 2002 e 2003.